

TRANSHUMANISMO E A QUESTÃO DA LIBERDADE FRENTE AO APRIMORAMENTO MORAL

[TRANSHUMANISM AND THE ISSUE OF FREEDOM IN THE FACE OF MORAL ENHANCEMENT]

*Leonardo Nunes Camargo **

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil

RESUMO: Os transumanismos, enquanto movimentos culturais, filosóficos e ideológicos que atingem as diversas áreas do saber técnico científico, têm provocado uma ruptura na práxis filosófica ocidental, pelo fato de afirmar a possibilidade de aprimoramento genético do ser humano através de procedimentos biotecnocientíficos. No entanto, as alterações biofísicas, defendidas pelos transumanistas, não se restringem apenas ao campo somático e psíquico, elas englobam a humanidade em sua totalidade, inclusive os aspectos morais. Nesse sentido, nosso objetivo neste artigo consiste em mostrar quais os impactos éticos e políticos em relação ao aprimoramento moral humano, destacando até que ponto nossa liberdade pode vir estar ameaçada por tais práticas. Afinal, seria possível aprimorar geneticamente nossa moral? Devemos aprimorar nossos traços disposicionais morais por meio de procedimentos biotecnocientíficos? Frente a esses questionamentos: num primeiro momento analisaremos como o aprimoramento moral humano pode interferir na nossa liberdade enquanto seres humanos; e num segundo momento, analisaremos como o aprimoramento humano se tornou uma urgência moral para os transumanistas.

PALAVRAS-CHAVE: Transumanismo; Aprimoramento Moral; Ética; Liberdade

ABSTRACT: Transhumanisms, as cultural, philosophical, and ideological movements that permeate various areas of technical and scientific knowledge, have caused a rupture in Western philosophical praxis by asserting the possibility of genetic enhancement of the human being through biotechnoscientific procedures. However, the biophysical alterations advocated by transhumanists are not limited to the somatic and psychic realms; they encompass humanity as a whole, including moral aspects. In this sense, the aim of this article is to demonstrate the ethical and political impacts concerning human moral enhancement, highlighting to what extent our freedom may be threatened by such practices. After all, is it possible to genetically enhance our morality? Should we enhance our dispositional moral traits through biotechnoscientific procedures? Faced with these questions, we will first analyze how human moral enhancement can interfere with our freedom as human beings, and then we will examine how human enhancement has become a moral urgency for transhumanists.

KEYWORDS: Transhumanism; Moral Enhancement; Ethics; Freedom

INTRODUÇÃO

Os defensores do transumanismo afirmam que o aprimoramento humano é o caminho para a plena realização do ser humano enquanto espécie e como ser. Por isso, defendem que devemos almejar uma vida melhor, seja aguardando as lentas modificações que a natureza oferece à espécie humana, seja por meio do aprimoramento

* *Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC - PR). Professor de Filosofia da Academia da Força Aérea Brasileira (AFA). Atualmente pesquisa temas relacionados ao transumanismo e o pensamento de Hans Jonas, tendo como enfoque os temas sobre: liberdade, técnica, tecnologia, ética e bioética. E-mail: leonardonncamargo@gmail.com*

genético através das biotecnociências. Para os transumanistas, esse estágio superior, que chega à perfeição, pode ser alcançado rapidamente pelos avanços tecnocientíficos atuais. Nick Bostrom (2008) procura mostrar que uma vida pós-humana será extremamente melhor que a vida humana atual. Para ele, qualquer tipo de aprimoramento trará benefícios quantificáveis ao ser humano, desde que tomemos o controle sobre nossa evolução.

Nesse sentido, podemos afirmar que, se temos um conceito guia capaz de unir todos os movimentos transumanistas, este é a noção de aprimoramento. De acordo com o relatório europeu de 2009, intitulado *Human Enhancement*1x:

O termo guarda-chuva “aprimoramento humano” refere-se a uma ampla gama de tecnologias visionárias, existentes e emergentes, incluindo produtos farmacêuticos: neuro-implantes que fornecem uma substituição para a visão ou outros sentidos artificiais, drogas que aumentam o poder do cérebro, engenharia de linha germinal humana e tecnologias reprodutivas existentes, suplementos nutricionais, novas tecnologias de estimulação do cérebro para aliviar o sofrimento e controle do humor, *doping* genético no esporte, cirurgia estética, hormônios de crescimento para crianças de baixa estatura, medicamentos de antienvhecimento e aplicações protéticas altamente sofisticadas que podem fornecer a entrada de estímulos sensoriais especializados ou a saída mecânica. Todas essas tecnologias assinalam a tese da diluição das fronteiras entre terapia reparadora e intervenções que visam trazer melhorias que se estendem para além de tal terapia. Como a maioria delas derivam do domínio médico, eles podem aumentar as tendências sociais da medicalização quando usadas cada vez mais para tratar condições não patológicas (2009, p. 6).

Essa definição de aprimoramento levantaria uma série de questionamentos e debates sobre a viabilidade e utilização do termo, porém nosso intuito nesse texto, consiste em mostrar que para alcançarmos esse estágio evolutivo pós-humano, precisamos nos aprimorar de forma “integral”, e para isso, precisamos começar pelo aprimoramento moral do ser humano. Não obstante, uma série de questionamentos éticos e políticos vem à tona, principalmente aqueles vinculados à liberdade humana. Afinal, podemos e devemos aprimorar geneticamente nossos traços disposições morais biotecnocientificamente? Seria possível aprimorar moralmente nossos corpos? A fim de tentar refletir sobre esses questionamentos: num primeiro momento, apresentaremos se alguns aspectos do aprimoramento moral humano que podem vir a ameaçar nossa liberdade; e num segundo momento, apresentaremos como o aprimoramento humano, na perspectiva transumanista, se transformou tanto num imperativo moral como num aspecto que devemos modificar biotecnologicamente em nossos corpos.

O APRIMORAMENTO MORAL HUMANO COMO AMEAÇA À LIBERDADE

Na perspectiva neoliberal transumanista, o ser humano deve ter sempre preservada sua liberdade individual, inclusive para escolher quais técnicas e procedimentos biotecnocientíficos devem ser usados para o seu aprimoramento. No entanto, a questão sobre a decisão do aprimoramento nem sempre pode refletir a capacidade racional do indivíduo de tomar decisões. Yuval Harari em sua obra *21 lições para o século XXI*, de 2018, afirma que a maioria das pessoas acaba decidindo sobre questões políticas e econômicas (quando convocadas a um plesbício, por exemplo) com base em seus sentimentos, dando a falsa sensação de que estão usando seu livre arbítrio. Porém, graças aos desenvolvimentos biotecnocientíficos recentes, a capacidade de decisão do humano poderá ser substituída por dados biométricos, isto é, graças aos

avanços de áreas como as ciências da informação e as ciências computacionais; juntamente com a biotecnologia, daqui há algumas décadas, poderemos mapear, prever e diagnosticar doenças que nosso corpo ainda não foi capaz de sentir.

A medicina, até agora, sempre foi capaz de diagnosticar nossas enfermidades, mas, para isso, era preciso que algo se manifestasse em nossos corpos. Até o surgimento de alguma comorbidade, somos considerados pessoas saudáveis, no entanto, por meio de dados biométricos, que a tecnologia será capaz de coletar, poderemos melhorar nossa qualidade de vida de forma exponencial. Mas, continuaremos sendo indivíduos livres mesmo sabendo de nossas moléstias, que ainda não se manifestaram?

Sabemos dos males que o cigarro provoca nos fumantes e nas pessoas que convivem com essas, porém, mesmo assim, muitos indivíduos continuam fazendo uso de tal produto. No entanto, em uma situação em que o sujeito é diagnosticado com inúmeras células cancerígenas causadas pelo uso do cigarro, a possibilidade dessa pessoa parar de fumar será maior? Agora, pensemos no uso que se poderá fazer com esses dados biométricos se empresas e governos tiverem acesso^{2x}. Por exemplo, em uma entrevista de emprego, onde seus dados biométricos poderão ser compartilhados, o dono da empresa saberá todas as propensões a doenças de um candidato, obviamente que a decisão de contratá-lo ou não passará por essa análise e esse critério será levado em consideração. Sabendo da possibilidade de tratamento e até algum aprimoramento genético, que poderá ser realizado, a fim de diminuir ou erradicar tal possibilidade de doença, seremos quase que obrigados a realizar tais procedimentos se quisermos ter um emprego ou, até mesmo, um seguro de vida, ou algum plano de saúde.

Desse modo, a promessa de garantia das liberdades individuais (seja morfológica ou reprodutiva) expressas na *Declaração Transumanista* de 2009, é comprometida pelo fato de que o sujeito, que tem predisposições a certas doenças, não poderá optar por não utilizar alguma técnica de aprimoramento físico ou cognitivo, pois, se deixar de fazer não conseguirá acesso a direitos humanos básicos, como acesso a saúde e emprego.

Pensando em cenários mais radicais, nos quais as técnicas e procedimentos de aprimoramento humanos sejam amplamente possíveis, como pensam e desejam os transumanistas, empresas e governos poderão passar a exigir das pessoas, seja para contratá-los ou para dar acesso a algum benefício social, que elas se aprimorem fisicamente, cognitivamente e emocionalmente. Nesse caso, onde estará a liberdade individual daquele ser humano?^{3x}

Os transumanista sustentam que a natureza tem limitado nossos corpos físicos, tornando-os incapazes de gozarem plenamente da liberdade. Como a natureza impede o ser humano de se tornar um ser amplamente autônomo, precisamos superá-la externa e internamente. Michael Hauskeller em sua obra *Mythologies of transhumanism*, de 2016, afirma que por detrás desse desejo de superação da natureza externa das coisas e da natureza interna do homem, isto é, desse controle total, há uma utopia final, que pode ser traduzida como a tentativa do ser humano de alcançar a imortalidade e adquirir qualidades divinas (cf. p. 19-20).

Pico della Mirandola (1989) já havia afirmado que somos seres livres para moldarmos nossa existência conforme nossos interesses. Na mesma medida, nos parece que o autor nega que exista uma natureza determinantemente humana, fixa e imutável, de modo que na prática poderíamos afirmar que somos seres sem natureza, isto é, sem limites naturais. Nossa função como seres vivos é projetar nosso eu, tomar o controle biogenético em nossas mãos. Os defensores do aprimoramento humano usam essa afirmação de Mirandola como o lema do transumanismo, por isso, Stock (2002, p. 200)

afirma que adentramos na era do auto desenho humano.

Para os defensores do transumanismo as possibilidades de ampliarmos nossa condição de humanos melhorados passa pelo desenvolvimento biotecnocientífico, isto quer dizer que, como espécie, estamos destinados a nos tornarmos seres melhores e mais evoluídos. Esse estado de melhoria é algo que deve acontecer, pois ainda não somos o que temos potencial para nos tornar. Essa busca de um ser aprimorado, deve ser alcançado pelo próprio esforço e capacidade do ser humano, de modo que nosso destino é nos tornarmos inteiramente livres. Na atual condição, a humanidade está presa a doenças e problemas que limitam nossa capacidade de desfrutar da vida.

Mas, afinal, o aprimoramento humano pode ser um ato de liberdade da espécie? Ou pelo contrário, ele extinguirá de uma vez por todas a liberdade humana? De acordo com Hauskeller, o objetivo principal do aprimoramento humano é a “*própria liberdade*, e não necessariamente a liberdade de atingir certos objetivos que identificamos como desejáveis” (HAUSKELLER, 2016b, p. 77) [Grifo nosso]. Isso quer dizer que o desejo transumanista, com o realce humano, não é de ser livre para fazer isto ou aquilo, mas para ser ou fazer qualquer coisa que desejarmos. Esse tipo de liberdade é o fim almejado pelos bioliberais. A própria liberdade deve ser o fim da humanidade.

Com isso, chegamos ao debate sobre a ideia de perfeição, um dos temas de discussão entre transumanistas e biodefensores, em relação ao aprimoramento humano. O projeto melhorista proposto pelos defensores do *enhancement project* afirmam que há um estágio evolutivo superior que a humanidade deverá alcançar com a evolução da espécie, seja por meios naturais ou biotecnocientíficos. Esse grau superior de desenvolvimento, que pode ser acelerado pelos procedimentos biotecnocientíficos, nos parece ser a busca por um tipo ideal de humano, isto é, um ser humano perfeito ou próximo à perfeição. Nesse sentido, a busca pela perfeição poderia ser o lema do transumanismo, afinal a humanidade sempre buscou formas de se aperfeiçoar. Portanto, a afirmação de que é um equívoco falar que os transumanistas buscam um estágio de perfeição do ser humano, não parece ser tão errada assim. Afinal, se desejamos aprimorar e redesenhar a espécie, precisamos de uma imagem ideal deste ser no futuro.

Nessa ideia, de que há um modelo ideal que o ser humano deve alcançar, o conceito de liberdade se vê ameaçado. Os defensores do transumanismo sustentam que podemos aprimorar a humanidade usando como medida nossa racionalidade. Para eles, nossa razão é a faculdade capaz de julgar o que importa ou não para a existência humana. Novamente, fica claro como o transumanismo possui fortes ligações com o pensamento humanista e iluminista modernos. Hauskeller, em seu texto *Como se tornar um pós-cachorro: os animais no transhumanismo* de 2016, afirma que “apenas nós podemos fazer essa avaliação e somente nós podemos usar a nossa visão para redesenhar este mundo insuficiente [*suboptimal*], o que inclui redesenhar nossos próprios eus insuficientes, assim como os dos outros” (HAUSKELLER, 2016a, p. 407).

Além de redesenhar a humanidade, podemos modificar biotecnocientificamente toda a natureza externa, como os vegetais e os animais não humanos. Isso quer dizer que se podemos projetar os seres vivos do futuro, de modo a não haver qualquer possibilidade de escolha desses seres futuros, ou seja, não existirá qualquer possibilidade de liberdade.

Esse pensamento centralizado, apenas no ser humano como sujeito livre para escolher seu destino e de todo o planeta, tem excluído os interesses dos seres vivos não humanos. De acordo com o pensamento transumanista e a filosofia eurocêntrica ocidental, os animais, por estarem presos ao mundo natural, não possuem liberdade, característica exclusiva do ser humano. Por isso, estão “confinados aos corpos específicos e mentes que lhes foram dados pela natureza, condenados a aceitar suas

várias incapacidades: sua falta comparativa de entendimento, a brevidade de suas vidas e a inevitabilidade da morte, assuntos sobre os quais eles não têm escolha. Mas nós temos” (HAUSKELLER, 2016a, p. 407) [Grifo do autor].

Liberdade e racionalidade foram colocadas como conceitos similares na filosofia ocidental europeia. Os seres humanos são os únicos capazes de se tornar plenamente livres quando se libertam da necessidade que a natureza ainda impõe.

Max More, em sua *Carta à Mãe Natureza* (2013, p. 449), declara que iremos superar e reeditar todas nossas falhas e erros de projeto que ela causou na vida das pessoas. Construiremos, a partir de então, toda nossa existência física, psíquica e emocional, conforme nossos desejos. Em outras palavras, o que os transumanistas querem eliminar da nossa existência futura, a qualquer custo, é nossa animalidade.

Para os transumanistas, todos os seres sencientes possuem direitos e merecem reconhecimento moral, conforme expresso no *Transhumanist bill of rights – Version 3.0* do Partido Transumanista dos EUA, publicado em 12 de dezembro de 20185x. Enquanto seres humanos, temos o dever de intervir e aprimorar todos os seres vivos e libertá-los da tirania biológica da natureza.

James Hugles afirma que assim como cuidamos dos humanos mais necessitados, temos o dever de fornecer tecnologia disponível para que as pessoas possam elevar seu potencial ao máximo, e devemos agir assim também com os animais (cf. 2004, p. 224). Contudo, será que modificando a natureza interna dos animais não humanos, esses seres serão livres?

Hauskeller nos mostra que há, portanto, dois tipos de liberdade.

Uma delas é a autonomia da autorregulação que caracteriza a vida humana moderna e que os transumanistas procuram expandir e estender aos animais não humanos, em última análise, visando à libertação de todas as restrições biológicas. A outra é a liberdade da selva que qualquer animal selvagem ainda tem e que nós, humanos principalmente, perdemos. Essa é a liberdade de viver a vida como o tipo de criatura que é, sem a pressão ou a necessidade de mudar e tornar-se outra coisa. (2016a, p. 415 - 416).

Ora, a liberdade como os transumanistas sugerem, isto é, ter controle total sobre si e sobre a natureza externa, não passa de um desejo nihilista. Afinal, se perguntássemos *por que queremos viver tanto tempo?*, um transumanista poderia dizer que viver indefinidamente nos permitirá perceber e desfrutar das possibilidades da nossa existência, portanto, seríamos livres para ser quem quisermos. Porém, a pergunta que deveria ser feita é por que devemos viver tanto tempo? Afinal, somos seres indeterminados, mas isso não significa que devemos nos apegar ao discurso de que uma vida pós-humana seja necessariamente melhor que nossa existência atual. A determinação que a natureza impõe às espécies não pode ser entendida como algo ruim, em relação às possibilidades que a biotecnociência nos oferece hoje e, talvez, no futuro.

O APRIMORAMENTO HUMANO COMO IMPERATIVO MORAL

Persson e Savulescu (2017), Harris (2007), Buchanan (2009) e outros defensores do transumanismo têm proposto o aprimoramento moral da humanidade, como primeiro passo evolutivo para a espécie na era da biotecnociência. De forma geral, a moral tem sido vista como algo bom para a espécie humana. Mas, afinal, por que a moralidade está ligada ao que é bom/melhor? E mais, nesse caso: o melhor é sempre bom?6x

A partir dessas questões, neste tópico, analisaremos a perspectiva moral do aprimoramento humano sob dois focos: o primeiro trata da necessidade do

aprimoramento de nossos traços disposicionais morais, que nos colocam como seres que necessitam da moralidade para sobrevivência da espécie; o segundo procura abordar sobre como o aprimoramento humano se tornou um dever moral para os defensores do transumanismo, conseqüentemente um ato de liberdade da espécie humana.

Pensando em uma explicação evolutiva da espécie humana, podemos indagar se a moralidade poderia ter evoluído via seleção natural desde os primeiros hominídeos. Nesses grupos, a cooperação era a principal característica que suprimia o egoísmo dos indivíduos, que ali precisavam conviver. Então, quanto menor a individualidade e o egoísmo, e maior for o sentimento de coletividade, melhor moralmente eram os indivíduos daquele grupo. Conforme os grupos se expandiam, também as regras morais necessitavam se aprimorar. Desse modo, podemos sugerir que a moralidade está ligada à preservação de certo grupo contra as ameaças internas do individualismo e externas de outros grupos que possuem outras normas morais^{7x} (cf. PERSSON; SAVULESCU, 2017).

De acordo com Persson e Savulescu (2017), assim como a tecnologia afetava apenas a natureza imediata das coisas no mundo primitivo, a moralidade desses indivíduos também se restringia à preocupação com as pessoas daquele grupo em um futuro próximo. Ou seja, as pessoas estavam aptas a viver nessas condições de imediaticidade. Porém, com o desenvolvimento da tecnologia e da ciência, a vida humana foi alterada radicalmente. Enquanto os avanços e práticas tecnológicas têm avançado de maneira exponencial, a moralidade não foi capaz de acompanhar o ritmo evolutivo tecnocientífico da humanidade. Hans Jonas em sua obra *O princípio de responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* de 1979, chamou esse distanciamento da tecnologia com a moral (ética) de vácuo ético.

Passamos a interagir com milhares de pessoas, a tecnologia e a ciência passaram a afetar temporal e espacialmente a existência humana, inclusive as futuras gerações, ameaçando a própria vida das espécies, com degradações e alterações climáticas. Criamos armas nucleares e biotecnológicas. Os sistemas políticos no mundo não têm acompanhado e debatido o risco e ameaças desse desenvolvimento tecnocientífico. Frente a essas questões, Persson e Savulescu (2017) afirmam que precisamos aprimorar as disposições morais dos seres humanos, estendendo nossa ação moral para além do círculo imediato de indivíduos que convivem diretamente conosco. Segundo eles, caso não nos aprimoremos moralmente, correremos o risco de extinção da espécie. Contudo, não se trata de um aprimoramento baseado na educação moral tradicional, eles falam em aprimoramento moral biotecnológico.

Quando tratamos de aprimoramento moral, não basta apenas incluímos e acomodarmos um número maior de indivíduos, seja humanos ou não humanos, como agentes éticos de direitos. Precisamos ampliar e aprimorar os fundamentos biológicos pró-sociabilidade da espécie, como a empatia, via uso de medicamentos e neuro-processadores para atuar diretamente na socialização dos indivíduos. Desse modo, o aprimoramento biológico moral pretende estender a capacidade de sociabilidade dos seres humanos para além dos grupos sociais dos quais os indivíduos fazem parte, incluindo as futuras gerações.

Os defensores do aprimoramento moral biomédico acreditam que tal realce pode contribuir para evitar catástrofes ambientais e bioterrorismos. Sendo assim, tal tipo de aprimoramento busca evidenciar a capacidade de deliberação do ser humano em estabelecer e agir com base em julgamentos morais. Para os defensores do transumanismo, o aprimoramento moral pode ser o primeiro passo para abrir a mente dos indivíduos que resistem a outros tipos de aprimoramento.

Quando falamos em aprimoramento do corpo humano, as pessoas podem

questionar a necessidade de alguma intervenção biotecnocientífica, que altere a sua constituição psicofísica, porém, quando falamos de aprimorar nossas capacidades morais que ajudarão no discernimento e no momento de tomadas de decisões, tal questionamento fica menos evidente, pois acreditamos que a moralidade é aquilo que nos afasta da maldade dos homens.

Assim como em qualquer tipo de aprimoramento biotecnocientífico, o realce moral somente será efetivado nas gerações futuras. Isso quer dizer que, qualquer discussão séria acerca do transumanismo e os possíveis aprimoramentos no ser humano serão comprovados apenas no futuro. Por mais que hoje possamos observar uma série de medicamentos e drogas serem testadas que afetam o comportamento humano, inclusive o comportamento moral, é justo afirmarmos que tais progressos morais biomédicos estejam acontecendo muito mais ao acaso do que de forma consciente e programada, como no caso do tratamento de distúrbios comportamentais humanos, como a depressão.

Do ponto de vista biomédico, o aprimoramento moral se torna extremamente complexo porque envolve diversos fatores modificáveis, como genes, neurotransmissores e hormônios, além do ambiente externo. Por mais que sejamos capazes de identificar quais atributos comportamentais são desejáveis e quais partes do organismo são responsáveis por acionar esses atributos, a modificação genética pode fracassar. Além do mais, quando selecionamos uma característica como sendo moralmente boa e abrangente, como a empatia, também não há garantias de que a promoção desta capacidade a todos os humanos irá nos conduzir a um mundo moralmente melhor no futuro. Afinal, temos como referência a empatia no mundo atual, mas para as próximas gerações tal aprimoramento moral pode ser um erro.

Quando tratamos da relação entre a capacidade cognitiva de um indivíduo em refletir sobre determinada atitude, o aprimoramento moral pode ter um efeito positivo na relação custo-benefício daquela ação. Mas, novamente, aprimorar cognitivamente um indivíduo não é condição suficiente para afirmar que ele será moralmente bom, afinal alguém pode ter um alto índice de inteligência e ser perverso na mesma proporção.

No entanto, geralmente quando falamos de aprimoramento moral, tendemos a pensar que certos traços disposicionais precisam ser aprimorados no ser humano como a empatia, confiança, generosidade, simpatia etc. A dificuldade do aprimoramento desses traços consiste em identificar qual seria a base biológica na qual eles estão fixados. Mesmo assim, por mais que as pessoas possuam esses traços disposicionais, ainda assim, ela pode cometer erros morais. Dessa forma, será que o aprimoramento moral, ao alterar os traços disposicionais dos humanos, não minaria a liberdade e autonomia desses seres?

De acordo com Harris (2011), alterando esses traços disposicionais, as pessoas passariam a agir de maneira correta, mudando inclusive sua visão de mundo, ou seja, ao invés do aprimoramento moral potencializar a capacidade deliberativa dos seres humanos, as alterações biotecnocientíficas dariam apenas a falsa sensação de que as pessoas estariam tomando suas decisões, quando na verdade estão agindo conforme foram programadas para agir.

As pessoas biomedicamente com disposições morais aprimoradas não agirão pelas razões certas: externamente, elas parecerão estar agindo moralmente, mas não estarão agindo moralmente no sentido de que eles são motivados internamente pelos motivos certos. Em vez de ser explicado por razões, seu comportamento será explicado por causas físicas - por uma pílula que usurpou a liberdade existencial de um ser cujas ações deveriam ser explicadas em motivos (KAEBNICK, 2016, p. 229).

Nesse sentido, parece claro que o aprimoramento de nossos traços disposicionais morais pode se constituir como uma importante ferramenta de controle para governos políticos autoritários, pois, esses podem ter o controle sobre nossas ações, nos tornando sujeitos programados. No entanto, para Savulescu e Persson (2017), o sujeito moralmente aprimorado terá preservada a capacidade deliberativa, para eles, o aprimoramento moral potencializará a liberdade dos humanos, que, a partir de então, poderão visualizar no longo prazo suas ações e, assim, decidir qual a melhor decisão a tomar.

Maria Clara Dias, em seu artigo *Aprimoramento humano: entre equívocos e desafios* de 2016, afirma que os seres humanos são “sistemas funcionais dinâmicos, flexíveis, que se transformam e se moldam, em uma tentativa de melhor se harmonizar com seu entorno e alcançar uma realização plena” (2016, p. 354). Isto quer dizer que, sendo um sistema complexo que envolve verificar, selecionar e avaliar certa quantidade de dados informacionais e, assim, gerar uma resposta comportamental, com base na capacidade de deliberação, o ser humano é moralmente livre e capaz de tomar suas decisões de forma autônoma.

Por isso, quando pensamos no aprimoramento moral, além de tudo o que já foi colocado, precisamos nos lembrar que falar de moralidade envolve discorrer sobre valores. Ora, se temos um planeta plural, com diferentes concepções, como legitimar e “escolher” quais os valores morais para as futuras gerações? Novamente retornamos à questão sobre o que é o melhor para as gerações futuras. Será que o melhor para as pessoas hoje, como aprimorarmos geneticamente nosso corpo, será também o melhor para as gerações futuras?

Valores não são entidades transcendentais, mas sim o peso atribuído aos diversos elementos de nosso *set* informacional, após realizado o processo de avaliação e ponderação entre nossos *inputs*, nossas crenças e desejos. O que fixamos como o conteúdo de nossas normas morais corresponde a exigências pactuadas, a fim de que possamos satisfazer certas demandas e promover nossa plena realização (DIAS, 2016, p. 356).

O segundo ponto que queremos analisar neste tópico diz respeito ao modo como o aprimoramento humano se tornou um dever moral, de acordo com os defensores do transumanismo. No artigo *Una historia del pensamiento transhumanista* de 2011, Nick Bostrom apresenta alguns argumentos de defensores do Transumanismo, para quem existe um dever moral de aprimorarmos biotecnologicamente o ser humano. De acordo com ele, a deliberação ética do ponto de vista prático, principalmente a partir de meados do século XX, esteve circunscrita à medicina, mais especificamente a casos isolados e independentes em que o médico deveria ou não agir naquele caso, por isso, os comitês de ética foram criados nos hospitais. Porém, Bostrom procura mostrar que o problema moral do aprimoramento passou a ser considerado uma questão central ao próprio transumanismo.

Savulescu, em seu artigo *Procreative beneficence: why we should select the best children* de 2001, defende o conceito de beneficência procriativa. De acordo com tal ideia, os pais deveriam escolher as características que permitam a seus filhos ter uma vida boa, ou seja, há um apelo moral expresso no dever agir em favor do melhor. Mark Walker no artigo *Prolegomena to any future philosophy* de 2002, afirma que temos o dever moral de aprimorarmos geneticamente nossos corpos para termos uma vida melhor, de modo que o aprimoramento cognitivo nos ajudaria a resolver dilemas filosóficos.

Mas afinal, quais tipos de aprimoramentos serão capazes de nos proporcionar

uma vida melhor? Para Bostrom (2011), existem melhorias que oferecem vantagem posicional, como, por exemplo, o aumento da estatura que é uma vantagem apenas em relação à carência de outro ser humano; e as vantagens com benefícios intrínsecos, como a resistência imunológica do corpo humano contra doenças ou a ampliação da capacidade cognitiva. Essas últimas são, para Bostrom, as que nos propicia uma vida melhor. De acordo com ele, os benefícios intrínsecos que a biotecnociência pode oferecer ampliam as possibilidades do ser. Uma vez superada nossas limitações biológicas (e a principal delas é o envelhecimento), o ser humano viverá melhor e mais tempo, por isso, Bostrom defende uma “urgência moral de desenvolver meios para retardar ou reverter o processo de envelhecimento” (2011, p. 179).

Uma vez que a biotecnociência tem dado o poder dos pais escolherem a genética de seus filhos, ou seja, os traços fenotípicos e as características de cada indivíduo, surge, também, a preocupação ética sobre qual tipo de filhos queremos ter no futuro. Se podemos alterar geneticamente nossos descendentes, podemos escolher, como em uma espécie de cardápio, aquilo que acharmos que será melhor para nossos futuros descendentes.

Sempre que falamos que um aprimoramento é melhor, precisamos ter claro que o melhor é em relação a outra coisa, isto é, ter certas características é melhor do que ter outras. Portanto, no estado da arte, o termo *melhor* evidencia sempre uma comparação com um estado anterior. Os defensores do transumanismo afirmam que, principalmente em relação à reprodução humana, quando planejam ter um filho, os pais sempre buscam o melhor para os mesmos, por isso, decidem, por exemplo, fazer um acompanhamento pré-natal. Na visão dos bioliberais, isso já é um desejo de aprimoramento, pois se há algo de errado, os pais, antes do nascimento da criança, iniciam o tratamento adequado para erradicar aquela anomalia genética. Mesmo que o feto não apresente nenhum problema genético, os pais não questionam a atitude médica de receitar certos medicamentos para fortalecer a criança e a mãe (vitaminas, por exemplo), pelo contrário, tais atitudes são louváveis e praticáveis sem nenhum receio, pois, acredita-se que aquilo é o melhor para o feto.

Contudo, o tipo de intervenção biotecnocientífica precisa levar em consideração o interesse e o bem-estar do feto. Certos tipos de manipulação genética, como o Crispr-Cas 9, técnica de edição do genoma humano, precisa ser tratado com cuidado, pois as alterações que tal tipo de edição provoca, afetarão a vida daquele ser humano. Ou seja, um tipo de tratamento, como tomar vitaminas, não influenciará diretamente na vida daquele indivíduo, mas quando decidimos manipular e alterar geneticamente algum traço característico daquele ser, isso sim, pode trazer mudanças existenciais significativas. A questão é: qual tipo de tratamento ou aprimoramento deve ser levado em consideração para a vida de um feto? Se o fator que devemos levar em consideração for o bem-estar da criança no futuro, várias intervenções biotecnocientíficas precisam ser aprovadas moralmente, como a retirada de genes cancerígenos ou algum que gere má formação ou algum tipo de paralisia ou doença mais grave etc. Porém, esse tipo de atitude médica gera uma série de discussões, como o caso do cientista chinês He Jiankui que anunciou, em 2018, que havia modificado geneticamente o DNA de gêmeas, gerando resistência contra o vírus da AIDS. O médico alega ter usado a técnica do Crispr-Cas9, porém, como se trata de uma tecnologia extremamente recente, ainda não sabemos ao certo quais as consequências e mutações tal prática pode ter causado às gêmeas e poderá causar aos seus descendentes.

Por isso, quando falamos de manipulação genética e do aprimoramento como um dever moral, devemos ter claro que nem sempre é possível fazermos um juízo de valor sobre o que é melhor para o indivíduo, ou seja, uma alteração genética que modifica a

capacidade da criança em ser músico, não pode ser comparada com uma alteração que dê predisposição a aquela criança ser poeta. Do ponto de vista valorativo, as duas modificações implicam em acréscimo de bem-estar ao ser humano.

Esse tipo de alteração genética, que particularmente nos preocupa, apesar do benefício que tanto a música como a poesia podem trazer para a vida de uma pessoa, permite um tipo de bem-estar que pode ser alcançado por qualquer indivíduo, sem a necessidade de utilizar técnicas de aprimoramento genético. Contudo, esse tipo de manipulação abre caminhos para outras modificações mais sérias, como a tentativa de criar grupos aprimorados melhores que outros, alguns indivíduos com a maior acesso e disponibilidade de recursos que outros, ou de criar uma casta de super-humanos com as características de soldados invencíveis, ou com inteligência superior para o comando da humanidade, ou com características especiais para a vida em outros planetas. etc. Essas questões nos levam ao problema da liberdade. Afinal, somos seres vivos livres para alterar nossos corpos e assim criar novos indivíduos? Ou deve existir um limite entre o permitido e proibido? Ou, ainda, aprimorar geneticamente o ser humano não privará nossa condição de seres livres, ou pelo contrário, potencializará nossa natureza?

Nesse sentido, podemos perceber que o transumanismo, ao pretender superar a dimensão natural dos seres vivos, humanos e não humanos, rompe com a natureza metafísica e ontológica do ser. A partir do momento em que manipulamos geneticamente o ser humano e aprimoramos nossas capacidades físicas e psíquicas, sem um objetivo claro e definitivo, apostamos a existência das próximas gerações e, conseqüentemente, do ser em si. Pois, da liberdade cresce a responsabilidade e nessa está fundamentada toda a história do ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de qualquer pretensão de apresentar uma resposta a questão do aprimoramento moral proposto pelos transumanistas, nosso objetivo de forma modesta neste texto, foi lançar algumas reflexões sobre o tema e propor o diálogo e debate. Apesar do(s) transumanismo(s) ser um movimento eminentemente contemporâneo pela forma como aborda a urgência do *human enhancement*, suas reflexões e questionamentos são tão antigos quanto a própria história da filosofia. Gregos, medievais e modernos tentaram da mesma forma resolver os impasses ligados a moralidade do homem.

Fato é que na perspectiva transumanista, o aprimoramento moral da humanidade está propriamente ligada aos valores e ideais difundidos pelo próprio movimento, isto quer dizer que, ao invés de buscarmos um realce na moralidade conforme propunha humanistas e iluministas, tais aprimoramentos morais dar-se-ão por alterações genéticas em nossos corpos. Isso nos leva a questão inicial, debatida no primeiro tópico, se um aprimoramento humano de tal tipo não minaria nossa liberdade enquanto seres humanos, afinal, nos tornaríamos seres morais não por uma decisão nossa, mas pelo fato de que isso seria bom para a humanidade. Novamente, levantamos a questão: o melhor é sempre bom? Como definir para alguém o que é o melhor para sua vida? Com quais argumentos e fundamentos? Um aprimoramento moral biotecnológico levaria o indivíduo a agir conforme suas reflexões e uso de sua liberdade e racionalidade, ou aconteceria porque foi algo preestabelecido e predeterminado pelas alterações genéticas realizadas?

Para concluir, o tema sobre o aprimoramento moral humano, como dissemos, é recentemente novo no contexto acadêmico e universitário e requer uma sutileza no seu

tratamento, pois não há definições claras sobre como e o que seria tal procedimento. Obviamente que sabemos quais atitudes morais devem ser repreendidas e incentivadas pela sociedade, o que pretendemos alertar e trazer a discussão é o perigo que um procedimento biotecnológico pode trazer a espécie humana a partir do momento em que condicionamos a moral dos humanos a partir de padrões estabelecidos, sem dar as pessoas o direito e a liberdade de atuarem e usarem sua racionalidade para decidirem.

REFERÊNCIAS

- BOSTROM, Nick. Em defesa da Dignidade Pós-Humana. *Bioethics*, v. 19, n.3, 2005, pp. 202-214.
- BOSTROM, Nick. Una historia del pensamiento transhumanista. *Argumentos de Razón Técnica*, nº 14, 2011, pp. 157-191.
- BUCHANAN, Allen. Human Nature and Enhancement. *Bioethics*, v. 23, nº 3, 2009, pp. 141-150.
- DECLARAÇÃO TRANSMANISTA. In.: BOSTROM, Nick. Una historia del pensamiento transhumanista. *Argumentos de Razón Técnica*, nº 14, 2011, pp. 157-191.
- DIAS, Maria Clara. Aprimoramento humano: entre equívocos e desafios. *Filosofia Unisinos – Unisinos Journal of Philosophy* – 17(3):352-360, sep./dec. 2016.
- HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HARRIS, John. *Enhancing evolution*. The ethical case for making better people. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2007.
- HARRIS, John. Moral Enhancement and Freedom', *Bioethics* 25 (2), 2011, pp. 102-11.
- HAUSKELLER, Michael. *Better humans?* Understanding the enhancement project. Durham: Acumen, 2013.
- HAUSKELLER, Michael. Como se tornar um pós-cachorro: os animais no transhumanismo. In.: OLIVEIRA, Jelson. *Filosofia animal: humano, animal, animalidade*. Curitiba: PUCPress, 2016a, pp. 405 – 416.
- HAUSKELLER, Michael. *Mythologies of transhumanism*. Exeter: Palgrave Macmillan, 2016b.
- HUGHES, James. *Citizen Cyborg. Why Democratic Societies Must Respond to the Redesigned Human of the Future*. Cambridge, MA: Westview Press, 2004.
- JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Trad. Marijane Lisboa, Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUCRio, 2006.
- KAEBNICK, Gregoriy E. Moral enhancement, enhancement and sentiment. In.: CLARK, Steve; SAVULESCU, Julian; COADY, C. A. J.; GIUBILINI, Alberto; SANYAL, Sagar. *The ethics of human enhancement: understanding the debate*. Oxford: Oxford University Press, 2016, pp. 225 – 238.
- MIRANDOLA, Giovanni Pico Della. *Discurso sobre a dignidade do homem*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.
- More, Max. "A Letter to Mother Nature", in.: MORE, Max; VITA-MORE, Natasha. *The Transhumanist Reader*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2013, pp. 449-450.
- PERSSON, Ingmar; SAVULESCU, Julian. *Inadequado para o futuro: a necessidade de melhoramentos morais*. Tradução Brunello Stancioli. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.
- SAVULESCU, Julian. Procreative beneficence: why we should select the best children", *Bioethics* 15 (5-6), 2001, pp. 413-426.
- STOCK, G. *Redesigning Humans: our inevitable genetic future*. New York: Houghton Mifflin Company, 2002.
- WALKER, Mark. Prolegomena to any future philosophy, *Journal of evolution and technology* 10, 2002. Disponível em: <https://www.jetpress.org/volume10/prolegomena.html>. Acesso em 10 de maio de 2021.

NOTAS

- 1 Disponível em: <https://goo.gl/1crTir>. Acesso em 20/09/22.
- 2 Temos inúmeros exemplos de Big Data que coletam nossas informações na internet e nos apresentam diversos produtos e serviços baseados em uma pesquisa inicial. A utilização de dados biométricos será apenas uma extensão do uso dos Big Data que, em muitos casos, sabem nossas preferências e desejos.
- 3 Harari afirma que a capacidade de processamento de dados e o uso da inteligência artificial têm aumentado nosso poder computacional, porém, temos esquecido de aprimorar nossa consciência coletiva humana, de modo que “estamos criando agora homens domesticados que produzem enormes quantidades de dados e funcionam como chips muito eficientes em um enorme mecanismo de processamento de dados, mas essas “vacas” de dados estão longe de atingir seu potencial máximo. Na verdade, não temos ideia de qual seja ele, porque sabemos muito pouco sobre nossa mente e, em vez de investir na sua exploração, nos concentramos em aumentar a velocidade de nossas conexões à internet e a eficiência de nossos algoritmos de Big Data. Se não formos cuidadosos, vamos acabar tendo humanos degradados fazendo mau uso de computadores sofisticados para causar estragos em si mesmos e no mundo” (HARARI, 2018, p. 65).
- 4 Uma das críticas dos biodefensores contra os transumanistas consiste na afirmação de que estes últimos buscam um estado ideal da humanidade, ou seja, um estágio de perfeição. No entanto, os defensores negam essa afirmação. Porém, como vimos, buscar melhorias, principalmente físicas e psíquicas, nos parece um desejo voltado à perfeição.
- 5 Disponível em: <https://transhumanist-party.org/tbr-3/>
- 6 Essa questão faz referência a uma obra de Michael Hauskeller intitulado *Better humans? Understanding the enhancement project* de 2013.
- 7 Vale notar que esta ideia de moralidade destes primeiros grupos humanos está ligada à capacidade de sobrevivência e adaptação da espécie.